



Rio de Janeiro

Nº 01
Abril 2012

RIO DE OPORTUNIDADES

O otimismo do carioca – justificado por viver em uma cidade repleta de belezas naturais – vai além de suas peculiaridades culturais e alcança dimensões de impacto na economia e na política. Desde que deixou de ser a capital federal, o Rio de Janeiro foi perdendo progressivamente sua vitalidade econômica e sofreu com os males desse esvaziamento tanto do setor financeiro quanto com o êxodo do poder que provocou uma desindustrialização precoce. O processo de deterioração social e o aumento da violência afetaram o ambiente de negócios, que vinha sobrevivendo apenas com um setor dinâmico, o da extração de petróleo.

“O Rio de Janeiro precisa se reinventar”, diz o economista Fábio Giambiagi, que lançou o livro Rio: a hora da virada, em coautoria com André Urani. “As atividades econômicas capazes de gerar oportunidades no futuro não são as mesmas que deixamos para trás nas últimas décadas”, afirma Giambiagi.

Parece que é o que está acontecendo. A “cidade maravilhosa” nunca esteve tão em alta como nos últimos tempos. Além das praias e do carnaval, das ações de pacificação das favelas, da descoberta e exploração do manancial de petróleo do pré-sal, o Rio tem ótimas perspectivas de negócios em vista: Conferência Rio+20 da Organização das Nações Unidas

(ONU) em 2012, a Copa das Confederações em 2013, Copa do Mundo em 2014 e a Olimpíada em 2016. Essa sequência de prosperidade recolocou a cidade dos cariocas na rota dos investidores.

Recentemente, no ramo do entretenimento foi retomado com êxito o projeto do festival Rock in Rio e a cidade ainda foi palco do lucrativo evento internacional de artes marciais mistas promovida pelo UFC - *Ultimate Fighting Championship*, isto para lembrarmos de alguns acontecimentos de maior visibilidade.



Serviço Brasileiro de Apoio às
Micro e Pequenas Empresas



Rio+20 e Copa Verde

A realização da Copa e da Olimpíadas pode nos dar a falsa impressão de serem de menor complexidade e possibilidade de negócios eventos de importância política mundial como a Conferência Rio+20 da Organização das Nações Unidas (ONU) que acontecerá – também no Rio - em 2012, mas isso não é verdade. Virão ao Brasil representantes de mais de 200 países, 20 anos após a Eco-92, para colocar novamente no centro das discussões mundiais temas relevantes como o desenvolvimento sustentável, economia verde e erradicação da pobreza, ou seja, como a Copa tem como um dos objetivos ser fomentadora desse tipo de economia, aqui se encontra uma oportunidade ímpar de realização de negócios nesse setor que engloba desde novas tecnologias de construção civil, gestão dos recursos hídricos, geração de energia elétrica, vestuário, alimentação saudável, consumo consciente etc.

Cabe aos empreendedores buscarem mais informações sobre essa inexorável tendência produtiva e a Rio+20 pode ser tanto para fazer negócios quanto para entender como tirar os melhores proveitos da Copa nesse ramo.

A Fifa, por exemplo, definiu desde a Copa da Alemanha de 2006 o conceito de Copa Verde, ou seja, que as obras de estruturação do mundial impactassem o mínimo possível nos recursos naturais, reduzindo o consumo de energia e evitando o desperdício de materiais em todos os processos. Para a Copa no Brasil, esse conceito foi aperfeiçoado e é praticamente uma exigência, principalmente para as construções e reformas dos estádios. Com base nesse dado, associado aos incentivos das compras governamentais, é fundamental que os micro e pequenos empresários e empreendedores individuais compreendam esses termos e entendam todas as vantagens de médio e longo prazos nas formas de produção que contemplem as questões socioambientais. Como as compras governamentais movimentam cerca de 16% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e mobilizam setores importantes da economia, o impacto econômico das contratações pelo governo impõe aos gestores o desafio de induzir o mercado a buscar mudanças em seu processo de produção de forma a atender às necessidades de preservação ambiental e desenvolvimento social.

PESQUISA FGV

Para subsidiar, por meio de informações, as micro e pequenas empresas e empreendedores individuais, para que aproveitem as oportunidades de negócios que podem ser geradas pela Copa, foi produzido um mapeamento realizado pela FGV a pedido do Sebrae. No Rio de Janeiro, foram mapeadas 624 oportunidades, das quais seis setores estão em destaque, somando 453 oportunidades, a saber: 109 na construção civil, 72 em TI, 80 em turismo, 83 no comércio varejista, 64 no segmento de vestuário e 45 no de móveis e madeiras. A expectativa é de que a Copa beneficie 413 mil empresas. Destas, 180,6 mil do comércio, outras 180,6 mil na área de

serviços, 37,1 mil na indústria e 14,9 mil na construção civil.

Os dados que a pesquisa aponta são sentidos no mercado já neste momento, pois os setores estão se interligando.





CONSTRUÇÃO CIVIL

O setor de construção civil, seja pelas obras de infraestrutura pública, seja pelos empreendimentos privados, tem afetado todo o ramo do mercado imobiliário no Rio de Janeiro. O aumento de preços de aluguéis de imóveis e a escassez de mão de obra são uma marca desse momento. Segundo Paulo Henrique Fabbriani, vice-presidente da Ademi - Associação dos Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário, o aquecimento do mercado imobiliário "é um processo inexorável". Disse que o estado do Rio de Janeiro apresenta muita concorrência para a mesma mão de obra. Projetos como o Complexo Petroquímico (Comperj) e o Porto Maravilha acabam tirando operários da construção civil. Essas informações podem ser muito úteis para empreendedores individuais que estejam migrando de profissão, principalmente os que têm baixa escolaridade, haja vista que esse setor está pagando bem melhor que em outros tempos.



+ Segurança + Negócios

Na construção civil de empreendimentos imobiliários, novas construções em bairros antes considerados perigosos tornaram-se cada vez mais comuns, é o que afirma Zeca Grabowsky, presidente da incorporadora PDG Realty. "Com o aumento da segurança, foi possível expandir os lançamentos para regiões antes deixadas de lado, como a Tijuca". As empresas só têm ganhado com a expansão da cidade.

O caso da Light é um exemplo eloquente do que ocorre quando o poder público retoma o controle de áreas antes abandonadas. Até recentemente, a distribuição de energia era controlada pelos traficantes em diversas comunidades dos morros cariocas. Com a instalação das UPP, a Light adquiriu mais de dois milhões de consumidores. "Isso reduz as perdas de energia e melhora o resultado", diz Carneiro. "Empresas do mundo todo vão querer investir aqui, o que significa mais emprego, mais renda e condições de vida melhores para toda a população", diz o prefeito Eduardo Paes.

Em função da realização da Copa, da Olimpíada, entre outros eventos, a estrutura da cidade está sendo reorganizada, fazendo com que as políticas públicas cheguem às comunidades historicamente desfavorecidas, o que atrai tanto investimento privado de grande porte quanto pode estimular toda uma cadeia produtiva dos pequenos empresários de produtos e serviços, bem como empreendedores individuais para explorarem a ascensão econômica das classes "C" e "D".

A Polícia Militar contará com 12,5 mil soldados para atuação em unidades de Polícia Pacificadora (UPP) até a Copa do Mundo, segundo informou a Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro. Os complexos do Alemão e da Penha, na zona norte da cidade, terão a presença de dois mil policiais militares nas UPP até 2014.



Representantes do Exército apresentaram um balanço da ocupação, que ocorre desde novembro de 2010 nas comunidades que integram a Vila Cruzeiro e o Complexo do Alemão. De acordo com dados da Ouvidoria da Força de Pacificação, a aprovação popular sobre a presença dos soldados na localidade é de 99%. “A pacificação não se restringe apenas ao Exército. Órgãos da prefeitura e do governo do Estado devem estar juntos para que a lei e a ordem se instaurem”, disse o general César Leme Justo, que comandou a ocupação até o início do mês de novembro de 2011.

Ainda de acordo com o balanço do Exército, desde a ocupação nas comunidades, foi registrada queda nos índices de criminalidade. Os homicídios apresentaram redução de 86%, e os roubos de veículos diminuíram 76%.

Atualmente, o Exército tem 1,8 mil soldados de prontidão, a Polícia Militar, 120, e a Polícia Civil, 25.

Para além das ações das UPP, o Rio de Janeiro será sede do Centro Integrado Internacional de Segurança. A informação foi confirmada pelo secretário extraordinário de Segurança para Gran-

des Eventos, Ricardo Botelho, durante audiência pública da Comissão Especial da Lei Geral da Copa, em novembro de 2011. A medida é parte das ações para a Copa e servirá para o intercâmbio de informações com outros países.

“Traremos ao Brasil dez representantes das instituições de segurança dos países que jogarão na Copa, dos que fazem fronteiras e daqueles parceiros estratégicos, para que estas pessoas tenham acesso aos dados e também forneçam informações que permitirão a celeridade das ações”, ressaltou Botelho. O secretário confirmou que tem conversado com representantes de outros países com o objetivo de integrar sistemas, além de acessar os dados para que sejam identificadas as informações, principalmente, sobre torcedores violentos.

O planejamento estratégico em segurança para a Copa será encaminhado em breve ao ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, para ser levado para aprovação da Presidência da República. Um dos legados do plano será o Centro de Comando e Controle, que reunirá as forças de segurança e inteligência do País em um local equipado com alta tecnologia e sistema de informação.

EMPENHO PRIVADO PELA SEGURANÇA

No início de dezembro, um grupo de empresas do ramo de petróleo, liderado pela OGX - do bilionário Eike Batista -, criou um fundo de R\$ 40 milhões, a ser entregue em dois anos ao governo do Rio de Janeiro, para custear a construção de bases, compra de veículos e aquisição de equipamentos para as forças de segurança do Estado nas comunidades isoladas do Rio de Janeiro, como a Rocinha e o Morro do Alemão - onde antes imperava a lei do tráfico de drogas. Dias depois, outra companhia do setor de infraestrutura se propôs a construir a sede da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Cidade de Deus, or-





çada em R\$ 1 milhão. Inspiradas pela corrente de solidariedade, dezenas de outras empresas se comprometeram em doar recursos nos próximos anos para garantir a libertação dos morros da baixada fluminense, pelo menos até a Olimpíada de 2016. É o caso do Bradesco, que doará R\$ 2 milhões por ano para ajudar a custear a segurança dos morros.

Cenas de batalha e de tranquilidade: helicóptero da Polícia Militar patrulha a Rocinha, enquanto crianças brincam em área urbanizada no Morro do Alemão, pacificada pelas forças do Estado.

Todo esse empenho privado pela segurança do Rio de Janeiro não é apenas um gesto de bondade, mas se trata de um investimento com retorno certo. Em apenas uma semana, mil empresários nas 18 comunidades pacificadas legalizaram seus negócios, segundo levantamento do Sebrae RJ. O mesmo estudo mostra que, entre novembro e dezembro, aproximadamente R\$ 12 milhões adicionais serão investidos pelas empresas em melhorias de serviços e da infraestrutura nas comunidades carentes - desde concessionárias de motos até agências bancárias. "Criamos, com muito sucesso, o projeto Sebrae nas Comunidades, que após a pacificação permitirá aos empreendedores individuais legalizar suas atividades, podendo amadurecer a gestão e ter acesso a inúmeras vantagens, como o crédito", diz Jacqueline Maia Ferreira, do Sebrae RJ.

Os novos horizontes para a economia da cidade são, indiscutivelmente, promissores. Segundo a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), o Estado receberá US\$ 102 bilhões em investimentos daqui até 2013, por conta das obras da Copa do Mundo de 2014 e da Olimpíada de 2016, bem como da perspectiva de urbanização que antes era dominada por traficantes e hoje é controlada pelo poder público. "Ainda não sabemos qual será a repercussão positiva da pacificação no Rio de Janeiro, mas temos absoluta certeza de que marcará um novo ciclo de expansão dos investimentos", diz o presidente da Firjan, Eduardo Eu-

genio Gouvêa. A certeza é endossada pelo otimismo das empresas. Além do Bradesco, o Banco do Brasil, a Caixa e o Santander já anunciaram a abertura de novas agências bancárias na Rocinha. Sob a ótica dos negócios, o interesse é mais do que justificável. Afinal, só na Rocinha vivem cerca de 150 mil moradores. "As áreas mais carentes da cidade do Rio de Janeiro têm um gigantesco potencial de consumo, até então oprimido pela violência e pela ausência do Estado", diz o pesquisador Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Um estudo realizado por Neri revelou que apenas 33,9% dos moradores da Rocinha são atendidos pelos Correios e somente metade da população tem acesso à iluminação pública. "Trata-se de uma cidade escondida dentro de uma metrópole." Para o professor do Departamento de Economia da PUC-Rio, José Márcio Camargo, a reconstrução da economia da Rocinha pode transformar a favela em um pujante centro de consumo nas próximas décadas. "As empresas verão oportunidades iguais às de qualquer bairro de classe média", diz. O ambiente de prosperidade econômica no horizonte do Rio de Janeiro espelha, aparentemente, a bem-sucedida ação de combate ao tráfico. Praticamente sem disparar um tiro, como aconteceu no caso da Rocinha, a polícia reconquistou um território onde só entravam viaturas blindadas. "A paz é a base para todas as outras conquistas, inclusive para o novo momento que o Rio vive, de atração de bilhões de dólares em investimentos", diz o governador Sérgio Cabral. "Sem paz, nada disso seria possível." A economia agradece.






Sérgio Besserman, presidente da Câmara Técnica de Desenvolvimento Sustentável e de Governança Metropolitana da cidade, diz que, no plano dos transportes, a cidade já deu alguns passos importantes, que tratam a questão da mobilidade com inteligência. É o caso dos BRS (corredores expressos de ônibus) e dos futuros BRT (sistema de circulação dos coletivos em pistas exclusivas). Besserman ressalta, no entanto, que, embora a cidade esteja no caminho certo, há muitos outros problemas a serem discutidos, todos com chances reais de solução. “A cidade tem passado por mudanças importantes de cultura. Houve uma expansão das ciclovias e existem mais pessoas usando bicicletas. Houve mais iniciativas de reflorestamento. Acho que estamos percorrendo um bom caminho. Mas ainda há muito a fazer”, afirmou.

Existe uma organização brasileira que verifica como anda a Mobilidade Urbana Sustentável nas cidades brasileiras, e, segundo uma pesquisa do “Estudo Mobilize 2011”, o Rio de Janeiro é a cidade brasileira que apresenta os melhores indicadores de mobilidade urbana sustentável em todo o Brasil. Segundo o estudo, o Rio de Janeiro possui um expressivo meio de transporte coletivo, mas também foi elogiado pelo programa de implantação de ciclovias, que já soma 240 km.

A mobilidade urbana sustentável é a integração inteligente de vários modos de transporte urbano, com a maior eficiência e conforto possível para os passageiros, com o menor impacto ambiental para os espaços urbanos, trazendo também mais segurança, rapidez e conforto aos usuários de diversos meios de transporte, desde o metrô até a bicicleta.

O presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), o urbanista Sérgio Magalhães, lembra que as mudanças não se restringem à revitalização da Zona Portuária ou aos projetos viários, como a expansão do metrô da Zona Sul para a Barra e os BRT Transcarioca e Transoeste (obra que inclui o Túnel da Grotta Funda, já em construção). Para Magalhães, a gênese de tudo está na concepção da cidade formal. “Uma condição essencial para que a cidade se prepare [para os grandes eventos]

é que o Estado se encontre em todas as suas áreas. E essa condição preliminar essencial já foi incorporada, uma vez que hoje já há um entendimento de que isso é realmente necessário e que a experiência muito bem-sucedida das UPP deve se estender para todas as áreas da cidade”, analisa.

Coordenador de Infraestrutura do estado, o vice-governador Luiz Fernando Pezão enfatiza que a caminhada em direção a um Rio de paz acontece simultaneamente com uma grande onda de desenvolvimento. “Estão programados mais de R\$ 180 bilhões de investimentos públicos e privados em setores estratégicos em três anos. Com isso, o Rio se torna um lugar único, que combina, como nenhum outro, grandes oportunidades de negócios com uma qualidade de vida incomparável”, ressalta. Desse montante, R\$ 21,2 bilhões ficam na capital e R\$ 11,5 bilhões se referem aos Jogos Olímpicos. Só em relação à Olimpíada, R\$ 5,8 bilhões já foram detalhados pelos setores público e privado. Os investimentos incluem projetos da rede hoteleira, obras de infraestrutura e reforma ou construção de instalações olímpicas.

Empresários, profissionais liberais e funcionários de vários setores também lembram os transtornos que as obras vão causar, mas falam com otimismo do Rio do futuro. “Como uma das cidades mais belas do Brasil e do mundo, o Rio precisa de um sistema de transporte eficiente e confortável, que atenda toda a população, de ações para recuperação e sustentabilidade de sua natureza exuberante e de iniciativas que potencializem sua vocação turística, como a revitalização dos bairros centrais e históricos”, diz o médico Marcus Vinícius dos Santos, diretor do Hospital Pró-Cardíaco.






BRT - CORREDOR T5 (AEROPORTO/PENHA/BARRA)

O Corredor T5 representará a primeira ligação transversal de transporte coletivo de grande capacidade no município do Rio de Janeiro, com característica de integração com os eixos de transporte radiais já existentes. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Transportes do Rio de Janeiro, o projeto está concluído e as obras serão executadas pelo governo municipal do Rio. O sistema será implantado ao longo de vias com elevado volume de viagens por ônibus, ligando o Aeroporto Internacional Tom Jobim à Barra da Tijuca, passando pela Penha.

Em sua concepção geral, o Corredor T5 será um sistema tronco-alimentador, com estação central e com ônibus com porta à esquerda, segregado do tráfego geral, com interrupções nos cruzamentos. Nas linhas expressas, existe a possibilidade de ultrapassagem nas estações.

As estações possuem plataforma a 90 cm de altura para embarque em nível com os ônibus. O pagamento de tarifa e validação do bilhete são realizados nas estações e terminais, visando a minimizar o tempo de embarque/desembarque dos passageiros e a aumentar a velocidade comercial do sistema.

Há integração físico-tarifária com os principais eixos radiais de elevada capacidade do município: Ramais Deodoro, Belford Roxo e Saracuruna (de trem) e Linha 2 (do metrô).

Segundo o governo municipal, o T5 será servido por linhas de ônibus alimentadoras e complementares. As linhas alimentadoras são mais curtas, interligando o Corredor T5 com os bairros localizados na área de influência do traçado. As linhas complementares são mais longas, ligando o Corredor T5 ao Centro da Cidade e aos principais subcentros urbanos (zona sul, Méier, Saens Pena etc.).



AEROPORTOS INTERNACIONAL TOM JOBIM E SANTOS DUMONT

Considerado por autoridades e usuários o calcanhar de Aquiles na preparação do Rio para a Copa em 2014 e Olimpíada de 2016, os aeroportos Internacional Tom Jobim e Santos Dumont estão recebendo investimentos de aproximadamente R\$ 900 milhões. A Infraero garante estar voando contra o tempo para acabar com o caos

nos aeroportos cariocas e tentar transformá-los num legado duradouro para a cidade, muito além dos grandes eventos esportivos.

Classificado pelo próprio governador Sérgio Cabral como “uma vergonha para o estado” e “uma rodoviária de quinta categoria”, o Galeão



só deverá estar repaginado em março de 2014, três meses antes do início da Copa, quando está prevista a conclusão das obras das esteiras de bagagens. A Infraero anunciou gastos superiores a R\$ 761 milhões, no período de três anos, para intervenções nos terminais 1 e 2 e a ampliação da pista.

“No ano de 2011, a movimentação de passageiros no Galeão fechou em aproximadamente 15 milhões de pessoas, três milhões a mais do que no ano passado, um aumento muito significativo. Nossas obras não têm como objetivo suprir somente as necessidades criadas para a Copa e as Olimpíadas, mas principalmente atender à expansão da demanda de clientes”, disse Cabral. Nesse mesmo sentido, informou o superintendente regional da Infraero no Rio, Lucínio Baptista da Silva, que o aeroporto internacional terá capacidade de 44 milhões de passageiros em 2013.

Todo o espaço destinado ao embarque e ao desembarque de passageiros do aeroporto internacional será reformado. O terminal 1 vai consumir cerca de R\$ 250 milhões e será entregue em dezembro de 2013, de acordo com o cronograma da Infraero. Já o terminal 2, que hoje funciona com apenas metade de sua capacidade, receberá a maior fatia de investimentos: aproximadamente R\$ 300 milhões. E deverá ficar pronto em maio de 2013, segundo o superintendente regional.

Além das intervenções nas áreas de passageiros, a pista para pousos e decolagens será alargada em 15 metros, permitindo a utilização por aviões maiores. A extensão, de quatro mil metros, não será alterada. Os gastos ficarão em cerca de R\$ 100 milhões. O aeroporto receberá ainda 48 elevadores e 58 escadas rolantes, equipamentos que estão em fase de montagem e instalação.

“Já fizemos intervenções prioritárias, como a implantação do novo sistema informativo de voo e mudanças no piso, no forro, nas paredes, nos banheiros e na fachada. Agora, estão em curso as reformas no terminal 1, mas não vamos construir nada, apenas promover melhorias. No terminal 2, as obras já estão adiantadas. Por isso, acho que faremos tudo o que está previsto dentro do prazo, sem prejudicar aqueles que chegarão para a Copa do Mundo”, prometeu Lucínio Baptista da Silva.

A proximidade da Copa do Mundo coloca também o Santos Dumont na relação de urgências. O aeroporto, utilizado por nove milhões de passageiros por ano, será fundamental no deslocamento dos torcedores, principalmente se o Brasil chegar à final, que será realizada no Maracanã. O embarque já passou por uma reforma, que está 95% concluída. A Infraero promete que o desembarque vai começar a receber uma ampla reforma até o fim deste ano. No cronograma, estão previstas adequação de sistemas, obras de alvenaria e marcenaria, entre outras modificações, que, segundo uma estimativa da Infraero, ficarão em torno de R\$ 100 milhões.





MARACANÃ

O Ministério do Esporte aprovou a inclusão do projeto de reforma do Maracanã no Recopa, o regime especial de tributação para as obras de construção, reforma e ampliação dos estádios da Copa de 2014. Com o aval de Aldo Rebelo, ministro do Esporte, a expectativa é de que a isenção de IPI, PIS e Cofins garanta uma economia de cerca de 8% no custo final da reforma do Maracanã.

Márcia Lins apresentou os avanços nas obras do Maracanã e a atualização nas intervenções de mobilidade urbana. “Não falamos em reforma, mas em reconstrução do estádio, que vai modernizá-lo. O Wembley, por exemplo, em Londres, foi reformado em 2007, e já não atenderia às exigências da Fifa”, destacou.

Segundo a secretária, a terraplanagem está 80% concluída. As demolições, 90%, e as fundações, 60%. “Tivemos um problema com a cobertura. Então, foi preciso demolir essa parte por completo. Aí, algumas etapas tiveram que esperar”, explica.

O governador Sérgio Cabral reiterou, durante visita ao Estádio da Luz, ano passado, do Benfica, que o Maracanã será transferido do Estado para uma concessionária antes do fim das obras para a Copa, previstas para fevereiro de 2013. Com isso, na Copa das Confederações, o estádio já estará sob controle da vencedora da licitação, que tem o modelo sendo estudado pelo governo, mas deve ser semelhante ao que a Prefeitura do Rio tem com o Botafogo para o Estádio do Engenhão.

O empresário Eike Batista já afirmou, ao jornal “Brasil Econômico”, o interesse em administrar o Maracanã, o que vai ao encontro das declarações do governador. Para o negócio, Eike usaria a IMX., parceria da maior empresa de marketing do mundo, a IMG Worldwide.

MOBILIDADE URBANA

Márcia Lins apresentou os avanços nas obras do Maracanã e a atualização nas intervenções de mobilidade urbana. “Não falamos em reforma, mas em reconstrução do estádio, que vai modernizá-lo. O Wembley, por exemplo, em Londres, foi reformado em 2007, e já não atenderia às exigências da Fifa”;



Na última semana de 2011, o consórcio responsável pela reforma do Maracanã anunciou o início de uma importante etapa da reconstrução do estádio: a colocação da nova arquibancada. As peças de concreto armado - serão necessárias 2.748 em todo o anel - estão sendo produzidas dentro do próprio canteiro de obras e estocadas no centro do campo.

A previsão de término desta etapa é em setembro de 2012. Segundo o Consórcio Maracanã Rio 2014, a nova arquibancada atenderá todas as recomendações da Fifa.



ECONOMIA AQUECIDA

Por causa do aquecimento da economia do Rio e do aumento das oportunidades de emprego, profissionais que tinham deixado a cidade, para fazer carreira em outros estados ou fora do país, estão voltando para casa. Em função da Copa, da Olimpíada, do pré-sal e dos altos investimentos, o Rio recebe seus conterrâneos não só de braços abertos, mas com vagas de emprego, além de muitas possibilidades de negócios.

Ao longo do ano, a Michael Page, especializada em recrutamento de executivos para média e alta gerência, detectou um aumento de cerca de 30% do “repatriamento” de cariocas. Já a *TeamWork Hunting* observou que 80% dos cariocas que vivem em São Paulo, e estão registrados na base de dados da consultoria, procuram informações sobre um possível retorno.

“Sem dúvida, este é o melhor momento do Estado do Rio nas últimas décadas. A mudança no cenário de violência e o aumento no volume de negócios têm tornado o Rio muito atraente. Infraestrutura, energia, tecnologia e finanças são alguns dos setores que mais absorvem essa mão de obra”, diz Fernanda Amorim, diretora da Michael Page no Rio.

A advogada Talitha Fernandez, carioca de 27 anos, voltou ao Rio depois de viver por um ano e quatro meses em Madri, na Espanha. Ela tinha

feito mestrado em direito internacional na capital espanhola, mas interrompeu os planos de ficar mais tempo fora e largou um bom emprego em terras estrangeiras — sonho de muitos brasileiros e até de europeus, especialmente em tempos de crise — porque recebeu uma proposta que considerou “irrecusável” no Rio. Vai ser gerente jurídica da Brazil Energy, que atua no mercado de energia, justamente um dos campos de maior aquecimento por aqui. “Foi bastante difícil tomar a decisão de voltar. Meu lado pessoal sempre puxava por ficar em Madri, mas o lado profissional falou mais alto, porque a oportunidade agora é incrível. Espero tirar o máximo de proveito do momento de crescimento econômico do Brasil”, diz Talitha.

Depois de 11 anos vivendo em Carajás, no Pará, o administrador Abel de Souza fez as malas e voltou ao Rio. Atuando como coordenador de suprimentos na Concremat, o retorno do carioca também se dá dentro de um segmento aquecido, que é o da engenharia e construção civil.

“Duas coisas me chamaram bastante a atenção desde que eu voltei: a melhoria das condições de segurança da cidade, além do volume de oportunidades que estão surgindo, o que, aliás, era uma dificuldade muito grande por aqui há cerca de dez anos. Minha saída da cidade tinha sido



SEM DÚVIDA, ESTE É O MELHOR MOMENTO DO ESTADO DO RIO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS. A MUDANÇA NO CENÁRIO DE VIOLÊNCIA E O AUMENTO NO VOLUME DE NEGÓCIOS TÊM TORNADO O RIO MUITO ATRAENTE. INFRAESTRUTURA, ENERGIA, TECNOLOGIA E FINANÇAS SÃO ALGUNS DOS SETORES QUE MAIS ABSORVEM ESSA MÃO DE OBRA.”

FERNANDA AMORIM
DIRETORA DA MICHAEL PAGE NO RIO



motivada exatamente pela baixa oferta de empregos”, ressalta o administrador de empresas.

As perspectivas de negócios relacionados ao esporte vêm se fortalecendo muito no Rio, em função da proximidade da Copa e dos Jogos Olímpicos de 2016. Foi isso que atraiu o fotógrafo Daniel Ramalho.

Resultado: depois de um ano e dois meses em São Paulo, onde era contratado por um jornal de esportes, Daniel deixou o emprego na capital paulista para retomar a carreira como *freelancer* em sua terra natal.

“Por conta da escolha como cidade olímpica, parece que o Rio recebeu um atestado de qualidade. É um evento inédito na América Latina e que está fazendo o mundo todo olhar para cá”, afirma Ramalho, que está apostando também nas oportunidades que deverão surgir a reboque dos eventos esportivos. “Achei que agora era o momento certo de voltar. Não queria perder o *timing*, porque tem muita gente vindo”.

Segundo *headhunters* de companhias que fazem recrutamento profissional, esse movimento de “volta para casa” tem acontecido nos mais diferentes níveis hierárquicos.

“No Brasil, o Rio de Janeiro se tornou competitivo inclusive em termos de remuneração e projeto de carreira em relação a São Paulo”, garante Rafael Meneses, sócio-gerente da filial carioca da Asap, empresa de consultoria de seleção de executivos de média gerência.

O setor de tecnologia em alta e as possibilidades de negócios no Rio motivaram o retorno de Eduardo Torres, diretor-geral da Huge, agência americana de design digital que iniciou suas operações no Brasil há seis meses, na Barra da Tijuca. O executivo fez esse movimento no início de 2010, depois de quatro anos vivendo na Austrália, onde atuava como diretor de Desenvolvimento de Negócios do Yahoo!.

“A vida estava boa em Sidney. Eu tinha um bom emprego e até cidadania australiana, assim como a minha mulher, mas a melhora do mercado brasileiro, principalmente do carioca, ligou o radar para que voltássemos”, disse Torres.

Outro segmento que, aos poucos, volta a se fortalecer em território carioca é o mercado financeiro, historicamente mais poderoso em São Paulo. A gestão de recursos por entidades não-financeiras vem crescendo no Rio nos últimos cinco anos, e eventos como o Rio Investors Day, realizado em maio de 2011, estimulam atividades de relações com investidores na cidade.

“O Rio já foi o maior centro de mercado de capitais brasileiro e, desde 2002, começa a se reposicionar. Esse é um movimento lento e gradual, mas o Rio tem tudo para crescer significativamente no mercado de capitais também”, acredita Thomas Tosta de Sá, conselheiro consultivo da Associação Brasileira de Private Equity e Venture Capital (ABVCAP) e presidente do Ibmecc.

“Mais do que isso, o Rio está caminhando para se tornar também um polo de atração de capital intelectual europeu, uma vez que a Europa está vivendo um período de redução da atividade econômica”, aponta o presidente do Ibmecc.





Economia Criativa

No ramo da economia criativa, o Ministério da Cultura tem realizado debates em torno da organização de uma agenda cultural a ser desenvolvida durante o Mundial de Futebol tanto para geração de oportunidades de trabalho e renda quanto para promover uma visibilidade positiva da imagem do Brasil e dos brasileiros no exterior. O secretário Vitor Ortiz disse que a ideia é transformar a diversidade cultural brasileira em um grande símbolo do país e elaborar uma programação cultural multissetorial para os espaços públicos, tanto para gerar oportunidades de negócios quanto para otimizar o setor de emprego e renda na área da economia criativa.

Nessa linha, já existem exemplos de pequenos empresários se preparando para ganhar com a Copa, como é o caso de Adriana Rodrigues. Há dois anos, ela abriu a Marycota, que vende roupas de marcas nacionais e estrangeiras e criou um espaço de convivência, bem distante do modelo tradicional de uma loja. “A ideia era fazer do local um espaço de convivência com um conceito mais amplo, que incluía gastronomia, design, entretenimento e arte”, conta a empresária. Para o coordenador nacional do Programa Sebrae 2014, Dival Schmidt, Adriana é um exemplo de como as possibilidades podem se multiplicar de uma forma pou-

co óbvia. “O grande negócio é pensar diferente. O país tem muitos indicadores favoráveis como dinamismo do mercado interno, cultura empreendedora ascendente e redução de informalidade. Inovar tanto significa descobrir um nicho de mercado”, destacou. No Rio de Janeiro, com tantos eventos e tanto dinheiro circulando ou prestes a circular, não há porque não apostar num empreendimento.



FAÇA NEGÓCIOS COM O GOVERNO COMPRAS GOVERNAMENTAIS

O governo é o principal investidor para a Copa do Mundo. Com base nesse dado e no fato de a Lei Geral ser um caminho facilitador da relação comercial com os governos em suas esferas, atente-se para as oportunidades das compras governamentais.